

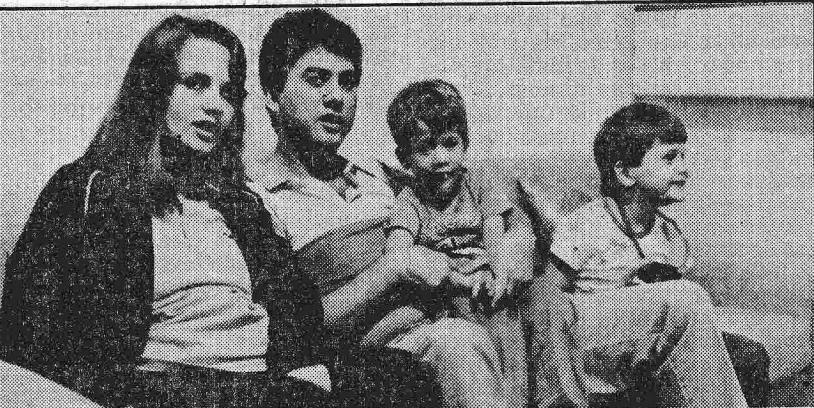
Prever gastos, missão impossível

MAYSA PENNA

Amargo regresso. Menos de um ano depois de desengavetar mapas de orçamento doméstico e reprender (para muitos, aprender) a conviver com a segurança de um planejamento financeiro a longo prazo, o consumidor brasileiro guarda listas, canetas e calendários e volta a usar a máquina de calcular não mais para planejar o futuro, mas para constatar quanto subiu seu custo de vida. Na verdade, os velhos tempos nem chegaram a ser esquecidos de todo e as donas-de-casa, entre desiludidas e conformadas, simplificam sua vida, sabendo que nas próximas compras, em vez de tabelas, basta levar mais dinheiro.

É certo que a mudança não foi brusca. Primeiro foi o ágio. Depois, os primeiros aumentos autorizados. Finalmente, cai a última trincheira: as tabelas da Sunab. Há uma, da Portaria nº 024, que contém 65 itens (quase 400 produtos). Ela abrange os produtos essenciais mas está longe de cobrir as compras mensais de uma família da classe média. Seu aumento, em média, foi de 25%, mas na ponta do lápis a coisa vai bem mais longe. Para os demais itens, há a Portaria nº 25, que estabelece margens de comercialização para os produtos controlados pelo CIP. Mas qual a dona-de-casa que terá, no mínimo, tempo de fazer as contas ao pé das prateleiras?

O impacto desses últimos aumentos começou a ser sentido nas compras mensais. A última lista da Sunab entrou em vigor no dia 10. "Na compra de janeiro, gastamos Cr\$ 1.670,00. Em fevereiro, a compra mensal ficou em Cr\$ 2.426,69, só no supermercado", diz Helena Rinaldi Rosa, 30 anos, psicóloga. E ressalva: "Em janeiro compramos muitas colchas que estavam difíceis de ser encontradas, como fraidás descartáveis, toalhas de papel etc. E neste mês muitos produtos que ainda tínhamos em estoque não entraram na lis-



Rolando de Freitas

Helena e Geraldo: de volta à calculadora

ta de compra, como feijão, açúcar, óleo e vários produtos de limpeza". Quer dizer, em termos de volume, a compra da família Rosa foi menor neste mês.

Helena e seu marido, Geraldo, têm dois filhos pequenos (cinco e três anos). Eles gastavam, em média, Cr\$ 20.000,00 para o orçamento doméstico, incluindo gastos com a casa, alimentação, lazer e extras. Isso até janeiro. "Em fevereiro, calculando por alto, já estou me preparando para um gasto de 15% superior, fora alimentação", diz Helena. Neste item, a família Rosa gastou Cr\$ 5.200,00 no mês todo de janeiro. Em fevereiro, em 12 dias já foram gastos cerca de Cr\$ 3.700,00.

Geraldo Rosa é gerente de vendas e, por força da profissão, o casal morou em Fortaleza, Recife, Brasília, Belo Horizonte e Bauru, nos últimos sete anos. Voltaram a São Paulo em novembro e dizem que o que mais os impressionou foi a diferença do custo dos serviços de qualquer natureza. "Embora os produtos industrializados sejam mais baratos aqui, o padrão de vida que se pode levar em outras cidades, com o mesmo orçamento, é muito mais elevado que em São Paulo." Foi exatamente o preço dos serviços que mais subiram desde o final do ano passado, conforme

constata Helena. Por exemplo, o corte de cabelos das crianças, que custou Cr\$ 60,00 cada um em dezembro, foi para Cr\$ 90 em janeiro. Para Geraldo, o aumento foi ainda maior: de Cr\$ 60 o corte em janeiro, para Cr\$ 130,00 na semana passada. A lavanderia aumentou 40% nesta semana e o cabeleireiro, 84%. E Geraldo, que almoça fora todos os dias, está gastando mais 60 a 70% em restaurantes.

"Isso sem falar na mensalidade escolar, que só será decidida no mês que vem", lembra Helena. Para os Rosa, não resta dúvida: "Voltamos ao velho esquema, onde só se sabe quanto se gasta, depois de gastar".

Muito organizada em seu planejamento — Helena anota cuidadosamente todos os gastos —, ela já prevê complicações contábeis para o próximo mês, quando terá de equilibrar as contas do cartão de crédito com os gastos que terão de ser feitos à vista, já que os supermercados deixarão de aceitar os cartões. "Acredito que para muita gente será complicado equilibrar as contas. Da minha parte, feito o ajuste em março, simplesmente jogo fora o cartão", diz ela.

E o planejamento do orçamento? Helena pára, pensa e mostra a lista de programação dos próximos meses: "As colunas ficam amarrancadas outra vez".